

Elogio de Eugênia

Eu a conheci na sala do Casino Beira Mar, onde se havia instalado o Teatro de Brinquedo.

Encontrei-a, de vassoura na mão, limpando o chão dessa plateia minúscula.

Minutos depois de nossa entrada, feitas as apresentações, enquanto me oferecia uma cadeira, continuou o seu trabalho: armada de pincel e lata de tinta, sentara-se junto á boca de cena, que se desdobrava em degraus até a primeira fila de cadeiras, o que era nessa época uma inovação, e, auxiliada por um grupo numeroso de jovens- poetas, pintores, jornalistas, músicos- pintava os cenários da peça que um outro grupo, no palco, era ensaiado por Alvaro Moreyra.

-Ainda não arranjei tempo para ir ve-los- disse-me, com um ar de conhecido velho- Chego aqui, saio tarde. Não há tempo para coisa alguma" E perguntou logo:- Bôas casas?

Renato Viana inaugurara seu movimento da "Caverna Mágica", a poucos passos do Teatro de Brinquedo, no recinto do proprio Teatro Casino, com sua peça "Abat jour", em que me estreicara como ator. Tinha eu menos de vinte anos, nunca pisara um palco, mas por pertencer a uma ~~geração~~ ^{geração} que vinha com o firme proposito de provar que teatro não era sub-literatura nem pretexto para fazer digestão, irritava a maioria dos donos da critica de então, obrigando um deles a escrever que me faltava comando cênico.

-Li essa cronica- advertiu-me Eugenia. E riu alto, porque era dos que gostava de uma boa risada, sinal de saúde ou confiança em si e nos outros- Esse sujeito é burrissimo. Ninguem o leva a serio ".

Naquele instante, por falta de qualidades de adivinho ou inexperiencia propria da minha idade, eu não sabia que estava diante de alguem que, ao lado de Alvaro Moreyra e de outros ~~meus~~, era uma das raizes do movimento renovador do teatro brasileiro, que mais tarde floresceria no "Teatro do Estudante" e frutificaria nos "Comediantes",

Companhia Dulcina, Teatro de Camera, Teatro dos Doze e todas as outras iniciativas hoje capitaneadas pela mocidade das escolas, em cada cidade do Brasil.

Repeti-lhe a visita. Alvaro Moreyra sempre fizera parte das minhas devoções. Achei-o, quando adolescente, e acho-o agora, que me começa o fim, o mais pessoal de todos os escritores brasileiros: aquele que não precisa assinar o que escreve, para se saber que veio dele, que ~~seu~~ está presente com ou sem o "y" de seu nome. Ambos me adotaram como amigos porque eram amigos de todos os que escreviam um verso ou haviam sonhado com a musica de um verso e não tiveram capacidade de criá-lo.

Eugenia dizia versos de maneira personalissima. Sem um gesto sequer, comunicando a emoção do poeta, atravez de sua mascara poderosa, de sua bela voz. Foi a que mostrou aos homens de má vontade a existencia da musica interior da poesia moderna que parece, exteriormente, para os acostumados ao lugar comum das rimas, pobre de ritmo.

Se tivesse nascido em outro meio que não o nosso- escreveu famoso jornalista belga em correspondencia publicada em "Nouvelles Literaires"-teria atingido o renome universal, não só pela mobilidade de sua inteligencia, como pela originalidade de seus trajés, penteado, joias, independencia de atitudes e pensamento. Anos mais tarde quant~~a~~ vez me lembraria dela, quando me via ao lado dessa extraordinaria Edith Sitwell, grande poetisa do mundo e da Inglaterra, que marca sua passagem pelas ruas, reustarantes, teatros, com sua capa negra e f lutuante e imensa, que não a larga nunca, ora forrada de vermelho, ora de seda branca amarelcida pelo ~~tempo~~ uso e pelo tempo.

~~Uma tarde, em Paris, Helena Madarasko, voz das Xaxaxaxaxax
daxxmanã emprestando sua gloria á França, recebia-me. Quando to conversaxx
xaxx, pedin licença para fumar, xaxx tirou de uma bolsa de via~~

Agora que há um ano a perdemos, o Brasil tem com sua memoria duas dividas imensas: a de ter sido a força animadora e infatigavel de um de seus espíritos mais illustres, Alvaro Moreyra, e pelo que muito fez a favor de ~~nosso~~ teatro.

Como lutou, escrevendo, falando e representando, inicialmente com o "Teatro de Brinquedo", depois com o "Teatro de Arte", sempre á cata de valores e peças novas.

Como foi por tantos, pela maioria creio eu, mal compreen-

dida e julgada. É certo que tinha ás vezes, uma maneira aspera de ~~fxlaryx~~ tratar, especie de defeza, como se temesse comprometer-se pela ternura.

E no entretanto naquela só aparente desordem de sua casa em Copacabana, como sempre me impressionou sua devoção como mãe e esposa.

Lembro-me das viagens que fazia, em onibus e bondes desconfortantes, engolindo pó, afrontando o calor, para ir duas ou mais vezes por semana visitar filhos internados num collegio nos suburbios, viajando de Copacabana.

Não conheço entre nós quem, como ela, lesse tantas peças e as tivesse traduzido ou pronta para traduzi-las, como se estivesse sempre na iminencia de dirigir companhias, ~~alimenkaxias~~ alimentar elencos, formar atores.

Qualquer duvida a respeito de autor ou peça, podia ser simplesmente resolvida com um telefonema a Eugenia, que solucionava o inquerito imediatamente ou pedia:-Fale-me daqui um pouco. Vou dar uma espiadela num livro. Creio que tenho isso aqui em casa". E tinha.

A Casa do Estudante deve-lhe tambem. Deve-lhe ~~xxix~~ demais. Muitos dos tijolos de seu edificio de 13 ~~xxxx~~ andares foram carregados por suas mãos, vendendo livros, somando contribuições. Das horas que gastamos juntos na ante camara de endinheirados para solicitar que nos ajudassem. Essas longas horas tornavam-se, por obra de Eugenia, uma festa de frases, comentarios ~~pitorescos~~ pitorescos, criticas inteligente e ironicamente feitas de homens e situações. Um dos nossos milionarios, depois de uma espera de tres horas, deu-nos um cheque magrissimo de conto de reis, que assim se chamava há vinte anos mil cruzeiros. Eugenia ~~perriu~~ aceitando o cheque. Mas nessa noite pendurou-se no telefone e ligou a todasa as migas que sabia capazes de veicular pela cidade inteira uma pequena perversidade, informando-as, depois de uma conversa sem importancia:- Voce sabe, X está ruim. Creio que está aqui, está abrindo falencia. Não é possivel? Olhe" E ~~contava-lhes~~ a historiasinha do cheque magro; entre ós e ás das amigas, já impacientes em passar adiante a noticia. Na manhã seguinte o milionario em questão, atordoado com telefonemas e perguntas, mandava-me seu secretario procurar-me com um cheque ~~xxxxxinsinnix~~ de dez mil cruzeiros e uma insinuação amavel;-Veja se faz uma publicidadesinha a resepito. Meu patrão não gosta disso, mas..." ~~Eugeniaxxxxxixkouxaxsggaxkõix~~ Eugenia havia ganho a parada.

Doutra feita, a fim de obter recursos para a Casa do Estudante instalamos numa loja da rua Gonçalves Dias uma feira dos livros que eu trouxera do Norte, onde fora em propaganda do ideal que nos animava. Alem da feira, para maior rendimento do local, transformamos os fundos da loja numa especie de bar improvisado com danças a gramofone ou ~~de~~ ~~orquestras~~ ~~que~~ ~~vinham~~ ~~colaborar~~ ~~conosco~~.

Eugenia era a "caixa" daquele mundo ruidoso. Os vendedores de livros, os garçons, os que, na porta, apregoavam mercadorias e o programa da tarde, os que assaltavam os passantes para que comprasses rifas, bilhetes para esses nefandos chás-dansantes, eram todos estudantes.

O movimento não ~~vessava~~, ~~das dez~~ ~~da~~ ~~tarde~~ até nove ou dez da noite.

Eugenia não arredava um instante da sua posição de "caixa".

A maquina registradora, que nos havia sido emprestada por um ~~me~~ ~~merito~~, não parava.

-Dona Eugenia, mais cinco mil reis.

-~~SDna~~ Eugenia, faz favor: cento e vinte mil reis.

Suas mãos, de unhas longas, batia as teclas da maquina, acionava a alavanca, dava o troco, sem conhecer fadiga.

Hoje, que vinte anos são passados, devo confessar que nos divertiamos muito com a prosapia de certos figurões que nos visitavam, avisando a hora para que fotigrafos estivessem a postos.

-É preciso explorá-los- aconselhava-nos Eugenia.

Uma tarde, um funcionario do Banco do Brasil fantasiado de intelectual, fez-nos sua visita diaria. Todos o achavamos pretensioso, ridiculo, enfeitado de leitura de almanaque, já que nesse tempo não havia a cultura de pilulas de "Seleções" e outros crimes.

Germaine Dermoz encontrava-se no Rio, no Municipal. O mocinho fôra ve-la na vespera. E contava aos vendedores da loja:- Ela est ravissante" Começou a soltar a lingua. Patati. Patatá. E há um momento que...e então deu para falar frances, que era uma gostosura. Eugenia saiu do trono do seu banco, junto a caixa. Veio lentamente se aproximando do heroi. Tocou-lhe o braço e perguntou-lhe, cortando a longa tirada em francez:- Mocinho, está sentindo alguma coisa?"

Nesse mesmo periodo, o Rio fervia de rainhas de beleza. Misses estaduais, muhicipais, federais, internacionais.

A loja da Casa do Estudante convidava-as, que eram boas razões de publicidade e plateia.

Uma delas, nacional sulina, dizia versos. Era realmente bonita e aceitou o convite de declamar no nosso já famoso salão, na rua Gonçalves Dias. Anuncio de sua presença superlotou o pequeno recinto, especialmente de estudantes. Não havia nenhum tablado ao fundo, que permitisse á artista mostrar suas habilidades, de frente para todos os ouvintes. Estes, ruidosos, a cercavam.

-Recita. Recita.

Ela ^{iniciar} ~~começou~~ o poema famoso da dindinha lúá.

Criou-se então um problema. ~~Recitava para recitar~~ Para que lado se devia dirigir?

Eugenia estava perto e se divertindo com a situação, aconselhou, no que foi atendida:- Vai recitando, minha filha, virando de um para outro lado, assim contenta a todos".

A Casa do Estudante, que saíra da alfaiataria de meu pai, se tornara, pela beleza que representava, pelos moços que a animava, já não mais me pertencia. Mas a toda uma geração. Os invejosos rosnavam; mãos pesadas de pedras me acenavam. Eugenia divertia-se com a raiva que me atacava diante da injustiça alheia. Como saíamos ^{juntos} quasi diariamente, visitando os importantes de fortuna, esmolando para a nossa causa, disse-me um dia:- Menino, deixa de bobagens, e olhe essa gente toda sem olhos de ditador. Como eu não compreendesse a frase, insistiu:- A vida inteira você vai encontrar resistencia, oposição, perseguição. Só os ditadores ~~em~~ é que gostam de maioria. "

Mas é o teatro que mais lhe deve. Por haver afrontado serenamente, no cumprimento de sua vocação, o ridiculo que então, na sua época, se queria emprestar aos que queriam elevar nosso nível cultural, por intermedio da arte dramatica. Não a interessou servi-lo simplesmente a ~~plateia~~ plateias de intelectuais ou melhor educadas.

Foi mais longe: levou seu elenco aos suburbios, representando em palcos apertados de arrabaldes e mesmo sob a lona de circos, no desejo de iluminar, dessa maneira, a vida dos humildes, dos anônimos, dos quasi sempre esquecidos.

Sua alegria, não a largava nunca. Canseiras, dificuldades, distancias, estupidez de governantes, não existiam para seus passos.

~~Queria~~ Na tarde em que ~~lho~~ fui levar-lhe meu adeus, há um ano, fiz-me acompanhar de Sergio Cardoso, já que não era possível reunir todos os do Teatro do Estudante.

Era para dizer-lhe "obrigado", por nos haver antecipado e sofrido pelos que vieram mais tarde e encontraram, depois de seus heroismo e do Teatro de Brinquedo, um pouco mais de apoio e compreensão.

Alvaro Moreyra olhou para Sergio Cardoso, que numa noite fôra, vestido do luto hamletiano, bater com a cebça nas estrelas, abraçou-o, comovido. E disse-lhe chorando:- Ela abriu o caminho para vocês".

O Teatro do Estudante mantém hoje um "Seminário de Arte Dramatica". É a escola que Eugenia sonhava e não pôde realizar. O Teatro do Estudante tem 64 grupos pelo país. Cada um representando o repertorio amado por Eugenia: se os moços de Florianopolis vivem os personagens de "Candida", de

Candida, de Bernard Shaw, seus colegas do Recife encenam triunfalmente "Edipo Rei", de Sofocles. Se os alunos da Univerisdade Catolica representam nas escadarias do Ministerio da Fazenda, ao ar livre, "Hipolito", de Euripedes, o grupo joven de Curitiba consegue um exito imnesno de plateia com "Espetros", de Ibsen. Do Pará me chega a noticia de haver agraddo uma peca de Oscar Wilde e outra de Thomas Mann, enquanto Pirandello se torna familiar do publico de São Luiz e a mocidade de Goiaz desafia todas as conveções e monta "A Mulher do padeiro", de Viono. Num decimo andar de hotel, instala-se em Belo Horizonte, o Teatro Mineiro de Arte, com quinhentos lugares, em S. Paulo, replica do bom gosto do Teatro de Brinquedo, numa loja da rua Major Diogo, o Teatro Brasileiro de Comédia, que dispõe de sua propria oficina de cenografia, que era um dos sonhos de Eugenia.

Amanhã, no Fenix, o Teatro do Estudante, continuando seu Festival Shakespeare, que ~~era~~ sempre Eugenia quiz ter a oportunidade de realizar, representará "Macbeth". Se "Hamlet" foi visto por 60.000 pessoas, e mais de 16.000 estudantes assistiram, deslumbrados, a bebez permanente de "Romeu e Julieta", pode-se tambem prever um exito igual para "Macbeth".

Essas peças e as outras programas pelo "Festival Shakespeare", como "Otelo" e "Sonho de uma noite de verão", e todas as que estão sendo representadas pelos moços em cada cidade brasileira, não seriam hoje possiveis se não tivesse sido a presença de Eugenia e Alvaro Moreyra, com o seu Teatro de Brinquedo. Antes dele, havia as tantativas de Renato Viana, mais baseadas no seu proprio teatro, e uma pompa inutil do grotesco, do vazio, do inferior.

Não sei que destino terá a casa da rua Xavier da Silveira, 19, que foi a casa de Eugenia. O bairro em que está plantada, orgulha-se de quatro pequenos teatros. Eu me pergunto se Alvaro Moreyra não conseguiria de quem vai substituir sua casa por um edificio de muitos andares, que aproveitasse o seu sub-tolo para um pequeno teatro, do tamanho do de Brinquedo e que fesse denominado "Teatro Eugenia Alvaro Moreyra", para autores novos, sempre tão mal comprendidos nos seus avanços no tempo.

Uma coisa posso garantir-lhes. Venha ou não esse teatro, na futura casa do teatro do estudante, haverá uma sala, a da biblioteca, que a lembrará aos atores de amanhã, aos atores de sempre.